

HOMERO. *A Ilíada de Homero em decassílabos duplos*. Tradução, Introdução e Notas de Leonardo Antunes. Porto Alegre: Zouk, 2022.

A poesia homérica vive hoje um de seus grandes momentos em língua portuguesa. Nos últimos quinze anos, várias traduções de *Ilíada* e *Odisseia* foram publicadas; uma delas, inclusive, a de Trajano Vieira, venceu o prestigioso Prêmio Jabuti no ano de 2012, na categoria Tradução. De lá para cá, Christian Werner verteu ambas as epopeias, as quais foram publicadas em 2018; neste mesmo ano e no ano seguinte, Frederico Lourenço também publicou em Portugal novas edições revisadas das suas traduções de Homero¹ — sua *Odisseia* só chegou aqui, no Brasil, revisada e comentada, em 2023. Em 2020, Trajano Vieira trouxe a público a sua *Ilíada*. Em 2024, André Malta publicou traduções do que chama de “principais cantos da *Ilíada* e da *Odisseia*”². Mais recentemente, em 2025, Giuliana Ragusa e Rafael Brunhara anunciaram a sua intenção de tradução da *Odisseia* a quatro mãos. Poderíamos citar outros exemplos dos *retornos* mais recentes a Homero³, mas os exemplos citados dão conta de mostrar o vigor desta poesia no Brasil.

Em 2022, quando publicou sua tradução da *Ilíada*, Leonardo Antunes já era um consagrado tradutor de grego antigo e exímio poeta, tendo já vertido para a língua portuguesa a célebre peça de Sófocles *Édipo Tirano* (Todavia, 2018), escrevera uma peça de teatro nos moldes gregos, *Lícidas* (Zouk, 2019), e traduzira toda a poesia de Anacreonte (Editora 34, 2022), apenas para ficar nos trabalhos mais difundidos. O *hype* com Homero, à época, seguia a todo vapor. A *Ilíada* de Antunes precisa, portanto, ser situada em um contexto maior dos Estudos Clássicos brasileiros, em que Homero vinha

¹ Utilizo a palavra “Homero” no texto por conveniência, sem pretender defender a autoria de *Ilíada* e *Odisseia* por um suposto Homero, coisa que, sabemos, é uma questão espinhosa.

² Tais cantos já haviam sido publicados de forma independente em 2021, e também constam em livros anteriores do tradutor, como *A selvagem perdição* (2006) e *A astúcia de Ninguém* (2018).

³ A *Odisseia* de Christopher Nolan, com lançamento previsto para julho de 2026, seria o exemplo mais recente deste movimento, assim como as publicações das traduções de Homero de Emily Wilson (*Odisseia* em 2017 e *Ilíada* em 2023) e o lançamento da série de álbuns *Epic: The Musical* por Jorge Rivera-Herrans entre 2022 e 2024.

ganhando cada vez mais destaque. Um fator que, sem dúvida, contribuiu para o surgimento de projetos desta envergadura foi o grande interesse editorial em obras da Antiguidade durante a última década que, aliás, assistiu ao surgimento de selos e coleções dedicados às obras greco-latinas em grandes editoras brasileiras, além da publicação de edições bilíngues, em que a tradução pode ser confrontada com a língua original, em geral grego antigo ou latim.

Pensando neste cenário, se, por um lado, a *Ilíada* de Antunes navegava por ventos favoráveis, propiciados pelo interesse crescente nos clássicos greco-latinos, ela tinha o desafio de se destacar das demais traduções de Homero que já ocupavam as prateleiras das livrarias. Talvez tenha sido isto que levou Antunes a verter os hexâmetros dactílicos da *Ilíada* valendo-se de decassílabos duplos — uma empreitada inédita em língua portuguesa: ainda que decassílabos tenham sido utilizados em traduções anteriores, como é o caso de Odorico Mendes, nenhum tradutor que se tem notícia os utilizou duplamente em uma tradução completa. Tal opção estética fez com que cada verso grego se tornasse dois na tradução, resultando em um poema com o dobro de versos de seu original.

Por mais que a quantidade de versos da *Ilíada* de Antunes possa, a princípio, afugentar leitores menos dispostos por causa de sua extensão, as palavras extras que o tradutor tinha à disposição foram empregadas na tessitura de versos em que a clareza é um dos aspectos mais notáveis. É sabido que um dos desafios que as novas gerações têm com a poesia homérica é exatamente o fato de que algumas traduções, dado o seu projeto estético, acabam sendo menos acessíveis para um público cada vez menos habituado ao vocabulário da poesia e, de forma especial, às particularidades da linguagem da epopeia. Pois a *Ilíada* de Antunes, diferente da maioria das traduções disponíveis em língua portuguesa, não apresenta a linguagem como um empecilho à fruição narrativa, mas é dotada de uma fluidez que impressiona, com escolhas vocabulares que aproximam o texto do leitor, sem deixar de ser poeticamente refinadas. Vejamos o próêmio da *Ilíada* (v. 1-14 / 1-7)⁴.

1. Ira de Aquiles, filho de Peleu,

⁴ Dado o fato de que a numeração dos versos da tradução de Antunes diverge das demais traduções da *Ilíada* — o que é sempre assinalado na edição da Zouk, com os versos do texto grego entre parênteses após os versos da tradução —, irei sempre trazer ambas numerações.

2. deusa, concede que eu celebre em canto,
3. (ira fatal que aos acaios impôs
4. uma miríade de sofrimentos;
5. muitas almas de força e valentia
6. fez descender para a casa de Hades,
7. almas de heróis cujos corpos sem vida
8. relegou como espólio para os cães
9. e de banquetes às aves de rapina;
10. assim cumpria-se o plano de Zeus)
11. desde o primeiro momento em que os dois
12. por força da discórdia se apartaram,
13. o Atrida, soberano de varões,
14. e o filho de Peleu, divino Aquiles.

Sabe-se bem do desafio de fazer com que a tradução metrificada coincida com as exigências das palavras gregas, e também é sabido que a aparente simplicidade esconde, via de regra, um esforço considerável de polimento do texto. O simples é belo, e as coisas belas são difíceis. A tradução de Antunes, ainda, lida exemplarmente bem com o desafio das chamadas digressões homéricas ou composições anelares, momentos em que o narrador se distancia do objeto mais imediato de seu relato, trazendo informações circunstanciais que enriquecem a compreensão do que está sendo narrado antes de voltar ao assunto principal. Em tais momentos, Antunes optou por um providencial uso dos parênteses, como se observa no proêmio acima, em que as consequências da “ira” de Aquiles e a menção ao “plano de Zeus” encontram-se intercaladas em uma construção secundária. Tal tipo de recurso reforça ainda mais o compromisso com a acessibilidade ao texto e com a clareza narrativa.

Do ponto de vista formal, Antunes, para dar conta da métrica, utilizou recursos como a dilatação dos epítetos — νεφεληγερέτα Ζεύς (*nephelēgeréta Zeús*), por exemplo, tornou-se “Zeus que move a tempestade” —, perífrases — em *Il.*, XVIII, v. 111 / 56, ἔξοχον ἡρώων (*éxokhon hērōōn*), expressão formular que ocupa um terço do verso no texto grego, torna-se aqui e em outras passagens um verso inteiro, “eminente entre todos os heróis” —, emprego maior pronomes de pronomes e preposições, e, de forma mais rara, alternâncias entre formas lexicais — “acaí” e “aqueus”, devido às diferentes quantidades de sílabas poéticas, alternam-se, assim como “divo” e “divino”. De modo geral, Antunes utiliza bem as palavras que a opção métrica concede, sem que o texto pareça “inchado”, pelo contrário: há muitas passagens que emocionam de tão bem vertidas, como a morte do troiano Simoésio, em *Il.*, IV, v. 945-977:

945. Logo em seguida Ájax Telamônio
 946. matou o filho virente de Antêmio,
 947. Simoésio, rapaz ainda núbil,
 948. que fora dado à luz por sua mãe
 949. quando estava descendo o monte Ida,
 950. junto das margens do rio Simoente,
 951. aonde ia junto de seus pais,
 952. acompanhando o rebanho de ovelhas.
 953. Por ter nascido ali, deram-lhe o nome
 954. de Simoésio. Nem lhe foi possível
 955. retribuir o cuidado dos pais,
 956. pois o seu tempo de vida foi breve,
 957. morto num golpe da lança de Ájax,
 958. o guerreiro de grande coração.
 959. Foi atingido do lado direito
 960. do peito enquanto avançava correndo.
 961. A brônzea lança o perpassou inteiro,
 962. surgindo do outro lado entre seus ombros,
 963. brilhante. Desabou sobre a poeira
 964. como se fosse um álamo vistoso
 965. que, na pastagem ao lado de um rio,
 966. cresceu sozinho sobre um grande prado,
 967. altivo no seu porte, com a copa
 968. altíssima adornada por mil galhos
 969. (uma árvore assim o lenhador
 970. derruba com o ferro rutilante
 971. para dobrar num belíssimo aro
 972. que forme a roda do carro de guerra,
 973. mas antes deixa que seque e que cure
 974. sob o sol junto às margens do riacho).
 975. De tal maneira o jovem Simoésio,
 976. filho de Antêmio, foi aniquilado
 977. na lança de Ájax, de stirpe divina.

Um dos desafios maiores de verter a poesia homérica é, justamente, o seu vocabulário. Os significados das palavras de Homero continuam a ser debatidos ainda hoje, haja vista que os dicionários mais importantes com frequência fracassam em oferecer explicações realistas para os termos antigos. Na esmagadora maioria das vezes a tradução de Antunes sai-se bem em tais situações; para traduzir o termo polêmico que Helena usa para se referir a si mesma em *Il.*, III, v. 360 / 180, κυνώπιδος (*kynōpīdos*), Antunes optou por um “olho-de-cão”, vertendo ao pé da letra o que a palavra sugere, sem julgamentos morais — para comparação, Frederico Lourenço (2019) e Trajano Vieira (2020) optam por “cadela”; Werner (2018), por “cara-de-cadela”. A escolha de Antunes tem o mérito de não endossar uma tradução moralmente enviesada, ainda que

acabe produzindo certo indeterminismo. Em outras passagens, como em *Il.* VI, v. 556 / 278, o tradutor toma certas liberdades e se afasta do sentido principal das palavras, traduzindo por exemplo μήστωρα φόβοιο (*mḗstōra phóbōio*), epíteto de Diomedes, por “arquiteto do medo”. A palavra grega μήστωρ (*mḗstōr*) não significa “arquiteto”, mas alguém que aconselha, que idealiza, tal é a sua relação com o verbo μῆδομαι (*mḗdomai*), “intencionar”, “ter o propósito”, “resolver”, “planejar”.

Em certo sentido, há uma impressão em certas passagens de que a precisão semântica, se é que é possível usar este termo com a poesia homérica, foi menos levado em conta, e que a necessidade métrica prevaleceu. Em *Il.* VI, v. 480 / 240, a palavra κήδεα (*kḗdea*) foi vertida como “angústia”, um termo alienígena para o universo conceitual homérico. O termo κῆδος (*kêdos*) possui um sentido principal ligado ao cuidado, ao fardo, à preocupação e à aflição, assim como com as responsabilidades morais com os mortos. Na passagem do canto VI na qual o termo aparece, as esposas dos troianos estão aflitas com a falta de notícias dos maridos. A mesma “angústia” volta a aparecer em *Il.*, VII, v. 249 / 124, mas agora com a expressão “grunhiria com angústia”, que traduz οἰμῶξειε (*oimṓxeie*), um verbo importante para o ato de lamentar e de sentir compaixão. Para encerrar o tópico da “angústia”, em *Il.*, XXII, v. 107 / 54 a palavra é utilizada para traduzir ἄλγος (*álgos*), uma das várias palavras homéricas para “dor”. Como se vê, uma mesma solução em língua portuguesa é utilizada para dar conta de universos emocionais muito variados. Por mais que os termos homéricos apresentem um sentido às vezes difícil de mapear, a coerência na tradução, seja qual for a interpretação que se faça de seu significado, pode contribuir para a compreensão horizontal das categorias do poema e dos diálogos intratextuais. A poesia homérica costuma ser estratégica com os termos que utiliza, estabelecendo redes de equivalência semântica, especialmente por meio de fórmulas. Certas palavras muito especiais para o texto iliádico, como por exemplo a ζωάγρια (*zōiágría*) em *Il.*, XVIII, v. 813 / 407, uma dívida de vida que Hefesto tem com Tétis, acabam por ter a sua gravidade atenuada. Elencamos aqui apenas alguns exemplos de desvios que ocorrem especialmente no campo do vocabulário moral e emocional, mas a tradução de Antunes, salvo exceções em campos e momentos muito particulares, é coerente e muito correta na semântica.

A edição da Zouk, em um certo ponto, no projeto gráfico, poderia ter facilitado a localização do leitor caso tivesse identificado, no cabeçalho ou no rodapé, em qual

canto o leitor se encontra. É moroso o processo de abrir a *Ilíada* e ter que folhear muitas vezes a obra para saber em que ponto do poema estamos. A edição também poderia contar com paratextos mais robustos, comuns nas demais edições de Homero, que explorassem mais profundamente as categorias e especificidades da obra, que é repleta de questões particulares que merecem atenção e, sobretudo, comentário, sem os quais o leitor incauto corre o risco de não se situar corretamente no quadro histórico ou narrativo do poema. É claro que estas questões extrapolam a tradução e em nada depõem contra a realização poética de Antunes. Mas o acesso à *Ilíada* ocorre por meio do objeto livro, que precisa ser considerado enquanto tal. De maneira geral, o trabalho da equipe editorial é muito competente, com pouquíssimos erros e cochilos, especialmente quando se leva em consideração o volume que a obra ganhou — são mais de trinta mil versos.

A *Ilíada* de Leonardo Antunes é a prova de que é possível, em língua portuguesa, traduzir poesia sem que a linguagem se torne obscura ou demasiado pernóstica, como muitas vezes parece ocorrer com a tradução poética de clássicos greco-latinos. Sem simplificar a complexidade semântica e conceitual do texto, o tradutor realiza uma proeza ímpar na história da tradução da poesia homérica no Brasil ao unir a clareza típica da prosa com a beleza rítmica de versos esmerados, que demonstram, no fim das contas, como a boa poesia e boa tradução podem ser descomplicadas.

REFERÊNCIAS

ANACREONTE. *Fragments completos: seguidos das Anacrêonticas*. Trad. Leonardo Antunes. São Paulo: Editora 34, 2022.

ANTUNES, Leonardo. *Lícidas*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Ubu; Sesi-SP, 2018.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2019.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Ubu; Sesi-SP, 2018.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2018.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

MALTA, André. *Homero Portátil*: os principais cantos da *Ilíada* e da *Odisseia* traduzidos em redondilhas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2024.

RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael. Odisseia, canto 6: um laboratório de tradução poético-filológica. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 30, p. 60-87, 2025.

SÓFOCLES. *Édipo Tirano*. Trad. Leonardo Antunes. São Paulo: Todavia, 2018.

Felipe Marques Maciel

PUC-Rio